



A não-realidade musical da América do Sul¹

Erika Breno²

Centro Universitário Nove de Julho - UNINOVE

Resumo

Tendo como referência a Escola Latino-americana de Estudos de Comunicação que diz que os meios de comunicação/mídia não retratam a verdadeira América Latina transpõe-se esse estudo para o cenário específico da América do Sul.

Destaca-se o seu diverso e por vezes desconhecido panorama musical que não é apresentado fielmente pelos meios de comunicação e que, ao invés de ser retratado como parte integrante da enraizada cultura musical brasileira, é apresentada como objeto de apreciação e conseqüentemente a isso ocorre a apresentação da não-realidade musical dessa região.

Palavras-chave

Música; América do Sul; Comunicação; Escola Latina.

¹ Trabalho apresentado no Altercom do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Comunicação Social – Bacharelado em Rádio e TV pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Cursando especialização em Comunicação e Mídia pelo Centro Universitário Nove de Julho – UNINOVE. (erikabreno@gmail.com).



A não-realidade musical da América do Sul

A não-realidade retratada pela mídia, pelos meios de comunicação sobre o panorama musical da América do Sul, vai ao encontro do que defende a Escola Latino-americana de estudos de Comunicação que diz que os meios de comunicação não representam a verdadeira América Latina – e conseqüentemente hegemoniza - a realidade dessa região. Os meios de comunicação não se dedicam e retratam a verdadeira e diversa América Latina.

Nesse cenário, encontramos também o isolamento da América Latina que não conhece a si mesma e mais especificamente a América do Sul, foco desse trabalho, e que é muito mais rica, diversa e heterogênea musicalmente do que representa a mídia com sua visão estereotipada e não-real dos países que fazem parte desse grupo.

Quando a Escola Latina de Comunicação diz que em uma realidade comunicacional tão diversa não é possível encontrar apenas uma teoria a ser aplicada, o mesmo aplicar-se-á ao cenário musical sul-americano apresentado à sociedade e pelos meios de comunicação, meios esses que a fazem de maneira tendenciosa e parcial.

Identificar alguns desses países por apenas um de seus ritmos musicais é colaborar para a acentuação da visão estereotipada que se tem, que já se faz deles. Além do mais, existem manifestações musicais ligados às tradições folclóricas de determinado país e por vezes esse ritmo não existe isoladamente das manifestações a que estão ligadas. Por essa razão, quando se fala em ritmos musicais se fala também de manifestações culturais.

A própria história latina e da América do Sul especificamente, nos seus aspectos social, econômico e cultural tão distintos, já gera essa discrepância em comparação a outras regiões. A sua colonização é fator fundamental no entendimento dessa realidade.

A América Latina descentralizada³ não é representada pelos Meios de Comunicação de Massa, uma vez que esses representam a realidade e interesses das classes dominantes, intelectuais e elitizadas, todos essas ligadas à América Latina oficial fazendo disso uma homogeneização de seu povo e cultura.

³ Dentro da América Latina, faz-se uma distinção entre dois tipos: a América Latina oficial e outra popular. A oficial é a retratada pelos meios de comunicação. A popular é aquela que não é de interesse desses mesmos meios de comunicação.

Dentro desse critério e de acordo com o foco desse trabalho, chama-se de América Latina oficial aquela que os meios de comunicação diz ser a genuína, real. Já a América Latina popular, optar-se-á por chamar de América Latina descentralizada já que se acredita que o termo “popular” pode gerar interpretações divergentes da empregada nesse estudo. Bem como as duas linhas presentes na cultura latina utilizar-se-á os termos cultura hegemônica e/ou oficial e cultura descentralizada.



A partir disso, podemos explorar o espaço criado por movimentos, culturas e/ou meios alternativos e independentes presentes na América do Sul descentralizada, o objeto desse estudo.

A América Latina descentralizada não é mais nem menos importante e representativa dentro desse cenário, na verdade é uma realidade, uma cultura que não é de interesse dos meios de comunicação de massa a não ser quando a utilizam como objeto de apreciação avesso ao que acreditam ser normal, aceitável e/ou certo e não como uma manifestação popular enraizada na América do Sul de fato, na sua heterogeneidade.

Fato é: a realidade mostrada pelos meios de comunicação de massa é a realidade de um grupo dominante, os meios de comunicação de massa são aparelhos ideológicos dessa classe dominante, e uma das grandes questões a serem levantadas é até que ponto esse tipo de cultura precisa dos meios de comunicação. Até que ponto ela não perderia suas características mais genuínas e verdadeiras após entrar na América do Sul chamada oficial não por um processo natural de inclusão e sim por inserção dos meios de comunicação oficiais.

Não se acredita ainda que o termo “resistência” aplicado por alguns autores seja adequado já que elas não resistem e sim persistem nos seus ideais, características e verdades mais genuínas, não se tornando uma arte corrompida. Pode-se observar isso através das manifestações culturais, folclóricas, musicais das regiões sul-americanas.

A arte que persiste é a mais autônoma das artes já que não depende de nenhum meio externo à sua arte para viver, além das pessoas envolvidas e que acreditam nessa arte que não virou objeto de consumo do espaço social.

Nenhum tipo de música, cultura é melhor ou pior, mais ou menos importante. Cada uma desempenha um papel distinto na sociedade, porém, o que não se pode fazer é ignorar esse tipo de elemento existente e sim compreender que cada uma tem o seu espaço a ocupar e precisa ser retratada nas suas verdades, sem sensacionalismos e artifícios que a transformem em produto de mercado e de suas regras.

A “globalização” e de “hegemonia” não deve ser aplicada à às manifestações de arte e cultura. A hegemonia existente é por conta e justificada por fins econômicos, políticos e coercitivos e afirmados pelo vínculo com os meios de comunicação. A globalização e a hegemonia pela qual o mundo passa é de mercado e não de cultura e arte. Esses termos não podem ser aplicados em uma cultura tão diversa quanto a sul-americana.



Apenas mantendo suas raízes, ideologia e verdades se podem ter as características genuínas da cultura de uma sociedade, sendo fiel aos seus princípios originais, abrindo-se à sociedade de maneira democrática.

O que deve ser feito é a criação de uma identidade que tem por característica fundamental a diversidade, o intercâmbio de culturas, porque a cultura pode integrar diferentes nações e pode-se então diminuir o mito de que a cultura latina e sul-americana é tão limitada e o que vai além dessa limitação vira objeto de apreciação.

Segundo José Marques de Melo em seu livro *Comunicação: teoria e política*, os meios de comunicação de massas atuam como multiplicadores da visão de mundo dos donos do poder e a partir disso se pode identificar mais um motivo para que seja comprovado que o que esses meios retratam é deturpado considerando a diversidade sul-americana.

Na obra anteriormente citada data do ano de 1985, M. Melo diz que a democratização do acesso à comunicação através da sociedade civil é uma saída para a mudança desse cenário. Hoje, mais de duas décadas depois, se observa a vitalidade desse texto e se pode argumentar com os mesmos fatos, com a defesa por uma comunicação democrática na América Latina e do seu cenário musical.

Uma saída – inevitável e natural - colocada por Melo é a criação e desenvolvimento de meios de comunicação independentes proporcionando o acesso às informações, porém, por vezes, por conta poderio dos meios dominantes, faz com que eles não se mantenham e continue o ciclo de não-realidade da cultura da América Latina.

Isso afirma e acentua o que Canclini chamou de “Teoria do Contrato”.

A América Latina descentralizada não está inserida no manual de urbanidade nos meios de comunicação de massa destacado por Canclini nessa teoria, por isso, a América Latina descentralizada não existe e acontece. A teoria que ser discutida e trabalhada no que se refere às manifestações populares e genuínas da nação sul-americana.

Quando se fala em América do Sul, falamos de uma região tão diversa, falamos de apenas seis por cento da população mundial em uma extensão de aproximadamente sete mil e quatrocentos quilômetros e que fala muitos idiomas, dialetos. Muitos porque além dos considerados oficiais (francês, neerlandês (holandês) e inglês), aqui chamados de exóctones, há também os idiomas autóctones.



Os idiomas autóctones, indígenas, que podemos encontrar na América do Sul, entre outros se cita: aimara, araucano, arawak, borôro, caiapó, caribe, caingangue, guarani, ianomano, mapuche, quetchuá, rapa nui. Já os idiomas exóctones podem ser divididos em idiomas colonizadores, de escravidão africana e de imigração.

Apenas observando tamanha diversidade de dialetos e a influência de idiomas de distintas culturas, ficam fáceis de supor a mistura de culturas, ricas culturas dentro da América do Sul. Há que se destacar alguns ritmos/gêneros musicais de alguns países da América do Sul.

A Argentina é considerada um dos países com desenvolvimento na sua música por conta da grande variedade de gêneros, o que é natural por conta da sua diversidade étnica a Argentina musical é muito mais que tango. Hoje os nativos ainda mantêm sua música, seu folclore musical influenciado pela colonização e mais tarde pela imigração européia. Podemos destacar: chacarera, chacarera doble, chamamé, quarteto cordobes, cumbia villera, huaino, huella, murga/murguera, rapera, tango, tilinga, zamba.

A Bolívia se destaca por ritmos como: villancicos, cuecas, bailecitos, huaynos, cacharpayas, kaluyos, taquiraris, carnavalitos, caporales, morenada, danza, cullahuada, auqui-auqui, chuntunqui, tinku, trote, polka, vals, fox, chovena, chacarera.

O Brasil é além do samba, assim como visão deturpada dos meios de comunicação nacionais e internacionais teimam em apresentar, se pode destacar: frevo, maracatu, forró, baião, xote, xaxado, coco (também conhecido originalmente como samba, pagode, zambê), lundu, maxixe, choro (chorinho), moda, samba (umbigada) – samba-canção, de breque, enredo, pagode, bossa.), congado, folia de reis, jongo, carimbó, bumba-meu-boi.

No Chile a música é muito ligada aos bailes e as danças típicas, por isso o destaque vai para as manifestações folclóricas do país: o cachimbo, cueca, cueca nortina, tarka, villancicos, pasacalles, trote (chamado também de huayno, haynito, trotecito), esquinazo, “parabienes”, romance, toada, corrido, vals, La Porteña, El Gato, La Jota, “Cuando”. A utilização de diversos instrumentos musicais nessas manifestações chilenas é constante.

A música colombiana é uma mistura de influências diversas: africanas, nativas e européias (em especial da Espanha). Seu principal ritmo é o bambuco, uma mistura de várias danças, resultado na mestiçagem racial encontrada na região.

A música colombiana pode ser dividida por quatro regiões: costa do Atlântico, do Pacífico, Região Andina e Planos Orientais.



A música do Atlântico tem ritmos mais quentes como cumbia, porro, mapalé. Já a do Pacífico encontramos o currulao.

Assim como a região do Pacífico, a região Andina sofreu influência espanhola. Nessa região destaca-se: bambuco, pasillo (versão colombiana para a valsa inventada no século XIX), guabina, torbellino A música “llanera” em geral é interpretada por arpas, cuatros e maracás. Além dos ritmos anteriormente citados, são populares também na Colômbia a salsa e o vallenato.

A cultura e a música equatoriana é pouco conhecida. Os instrumentos têm influência espanhola, sons de natureza e percussão indígena. Entre os instrumentos musicais mais característicos do país: quena, charanga e o rondador. A música equatoriana é mestiça, o “Pasillo” é o ritmo mais difundido, mas há também o pasodoble, valsas, sanjuanito, tonada, pasacalles, yaraví.

No Peru podemos encontrar: marineras, tonderos, valsas, huaynos, marchas, k’ajelo, huaylash, valichas, festejos, huaylas, mulizas, cumbia, villancicos, yaraviés, resbalosas, polca, tuntuna, tondero, alcatraz.

O folclore e a música venezuelana é diverso, podemos destacar: joropo, e como suas variantes, corrido, galerón, pasaje, golpe. Há também o merengue, a danza zuliana, bambuco, bambuco larense, vals. Esse último uma das mais importantes formas musicais da Venezuela. Na região ocidental da Venezuela podemos destacar: gaita zuliana, décimas zulianas, polo coriano.

Nos “llanos”: tonada, pasaje, corrido. No centro e centro-ocidente, golpe larense, golpe tuyero, quitiplás. No Oriente: guasa, golpe oriental, danza oriental, polo margariteño, sangueo, calypso. Há também: aguinaldo, parranda e onda nova, esse último mais recente, criado na década de 60.

Pode-se perceber que alguns ritmos, manifestações são encontradas em mais de um país e isso pode representar a influência, da colonização e das diversas culturas existentes na América do Sul.

Há que se conhecer a real-realidade da América do Sul e sua infinita diversidade porque não se pode aplicar o pseudomanual de elementos que são ou não corretos de acordo com pseudo-intelectuais que acreditam serem os donos da verdade e da razão. Se render a esse tipo de padronização é deixar legitimar o pensamento de uma minoria elitista e burguesa que detém o poder da informação e dos meios de comunicação.



Bibliografia

CANCLINI, Nestor Garcia. *Gramsci e as culturas populares na América Latina* in COUTINHO, Carlos Nelson.

BARBOSA, Alexandre. *A solidão da América Latina na grande imprensa brasileira*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

IANNI, Octavio. *O labirinto latino-americano*. 2ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

MELO, José Marques de. *Comunicação: Teoria e Política*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.